

MÚLTIPLOS OLHARES DA EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE



GERMANA PONCE DE LEON RAMÍREZ
LUCIENNE DORNELES
REBECA PIZZA PANCOTTE DARIUS
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2019

Germana Ponce de Leon Ramírez
Lucienne Dorneles
Rebeca Pizza Pancotte Darius
(Organizadoras)

Múltiplos Olhares da Educação na Contemporaneidade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de
Oliveira Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.^a Dr.^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof.^a Dr.^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof.^a Dr.^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M961	Múltiplos olhares da educação na contemporaneidade [recurso eletrônico] / Organizadoras Germana Ponce de Leon Ramírez, Lucienne Dorneles, Rebeca Pizza Pancotte Darius. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-354-5 DOI 10.22533/at.ed.545191807 1. Educação. 2. Pedagogia – Pesquisa – Brasil. I. Ramírez, Germana Ponce de Leon. II. Dorneles, Lucienne. III. Darius, Rebeca Pizza Pancotte. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro, na forma de coletânea, é fruto de trabalhos de cunho científico desenvolvidos com alunos em nível de graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), campus Engenheiro Coelho, SP. Tais trabalhos foram desenvolvidos ao longo de um ano e meio sob as orientações de docentes do curso a partir da diversidade de áreas em que desenvolvem suas pesquisas.

O contexto atual, dinâmico, complexo, mutável como tem se demonstrado conduz à percepção da necessidade de instigar e formar nos jovens universitários uma postura investigativa desde a graduação, considerando que um dos objetivos do ensino superior é o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo. Desse modo, compreende-se a importância do incentivo às pesquisas que articulem os conhecimentos teóricos aos práticos possibilitando aos graduandos uma formação mais ampla e significativa.

Esta obra reúne trabalhos cujas temáticas elucidam acerca de múltiplos saberes no campo da educação os quais embora não tenham a intenção de esgotar as possibilidades de discussão acerca deles, apontam promissores rumos de pesquisas que contribuem na área da alfabetização; diversidade étnica e cultural; educação especial; gestão escolar; ludicidade no processo de ensino e aprendizagem; transculturalidade; inteligência espiritual; formação docente.

As organizadoras.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O ESTADO DA ARTE: ESTUDO COMPARATIVO SOBRE OS DESAFIOS PROFISSIONAIS E O OLHAR ATUAL DO GESTOR ESCOLAR SOBRE SUA PRÁTICA	
Luciane Weber Baia Hees Daniele de Castro Corrêa Rachel Simone Roganti da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5451918071	
CAPÍTULO 2	15
FATORES QUE INTERFEREM NA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Brenda Karoline Honório Elen Roberta Leita da Silva Rebeca Pizza Pancotte Darius	
DOI 10.22533/at.ed.5451918072	
CAPÍTULO 3	26
CONSCIENTIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DO SER NEGRO NAS SÉRIES INICIAIS	
Bianca Fonseca dos Santos Léia Andrade Frei de Sá Teresa Siwassangue Hisakenua Germana Ponce de Leon Ramírez	
DOI 10.22533/at.ed.5451918073	
CAPÍTULO 4	41
MÉTODO FÔNICO E A AQUISIÇÃO INICIAL DA LINGUAGEM ESCRITA DE DOIS ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN	
Gabrielly Cristina Pereira Ingrid Rodrigues Rieger Keyla Ferrari	
DOI 10.22533/at.ed.5451918074	
CAPÍTULO 5	54
RELAÇÃO ENTRE O USO DE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS ILÍCITAS, PROBLEMAS SOCIOEMOCIONAIS E EVASÃO ESCOLAR	
Karoline Barreto Rauber Luana Aparecida de Andrade Zanitti Ana Cláudia Vespa Mainer Dias	
DOI 10.22533/at.ed.5451918075	
CAPÍTULO 6	66
O IMPACTO DA INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA NO INTERIOR DE SÃO PAULO	
Caroline Amanda Pinheiro Karina da Silva Eustáquio Maria Aparecida Mendes de Souza Simpício Luciane Weber Baia Hees	
DOI 10.22533/at.ed.5451918076	

CAPÍTULO 7	84
COMPREENSÃO DAS FUNÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA – FAMÍLIA	
Elaine Martins Duarte	
Gersonita Silva Alcantara	
Silvonia de Melo Soares	
Rebeca Pizza Pancotte Darius	
DOI 10.22533/at.ed.5451918077	
CAPÍTULO 8	102
JOGOS LÚDICOS COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO LÓGICO- MATEMÁTICO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I NA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES	
Evelyn Mendes Cerqueira	
Monize Aparecida de Toledo	
Rafaela da Silva Dantas	
Raquel Pierini Lopes dos Santos	
Luciane Weber Baia Hees	
DOI 10.22533/at.ed.5451918078	
CAPÍTULO 9	119
O USO DO PARADIDÁTICO COMO MEIO DE ENSINO: FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICA INDÍGENA	
Joyce Moura Silva	
Laura KiachacotaHebo	
Tauana Silva Rodrigues da Costa	
Germana Ponce de Leon Ramírez	
DOI 10.22533/at.ed.5451918079	
CAPÍTULO 10	128
LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO	
Ambar Magnólia Bordón Duarte	
Danielle De Matos Afonso Nascimento	
Verlene Caldeira Costa	
Denise Andrade Moura de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.54519180710	
CAPÍTULO 11	140
A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E AS PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL I	
Luana Cardoso Nascimento	
Marianna Gerardo Hidalgo Santos Jorge Leite	
Agnaldo César Rocha Abreu	
Ana Cláudia Vespa Mainer Dias	
DOI 10.22533/at.ed.54519180711	
CAPÍTULO 12	156
O PAPEL DO BRINQUEDO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DA CONSCIÊNCIA EM SER NEGRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Aline Vieira de Oliveira Souza	
Morgana Santos Viana Marques	
Germana Ponce de Leon Ramirez	
DOI 10.22533/at.ed.54519180712	

CAPÍTULO 13	170
LEGISLAÇÃO SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO BRASIL, ASPECTOS HISTÓRICOS	
Bianca Gusmão dos Santos Monfardini	
Felipe Bauer Feijó	
Laís de Andrade Ribeiro Barboza	
Rúbens William Borges Richter	
Giza Guimarães Pereira Sales	
DOI 10.22533/at.ed.54519180713	
CAPÍTULO 14	186
A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO ESCOLAR PARA A CRIANÇA CEGA: ESTUDO DE CASO	
Fernanda Coraini	
Natalina Lopes Fernandes Tavares	
Willer Ferreira de Oliveira	
Keyla Ferrari Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.54519180714	
CAPÍTULO 15	197
CARACTERÍSTICAS DE ALUNOS TRANSCULTURAIS EM AMBIENTE ESCOLAR	
Keilyn Stegmiller Paroschi	
Betania Jacob Stange Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.54519180715	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	212

FATORES QUE INTERFEREM NA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Brenda Karoline Honório

Centro Universitário Adventista de
São Paulo-UNASP Engenheiro Coelho, SP

Elen Roberta Leita da Silva

Centro Universitário Adventista de São Paulo-
UNASP Engenheiro Coelho, SP

Rebeca Pizza Pancotte Darius

Centro Universitário Adventista de
São Paulo-UNASP Engenheiro Coelho, SP

RESUMO: Acredita-se na importância de o professor alfabetizador, no Ensino Fundamental, compreender o desenvolvimento da leitura e escrita na sala de aula de modo que contribua para a organização do trabalho pedagógico no cotidiano escolar. Por isso, o objetivo da presente pesquisa é entender que fator principal está levando alunos do 4.º Ano de uma escola municipal a não conseguirem ler nem compreender textos simples, além da dificuldade na escrita. O instrumento de coleta de dados foi a observação participante em estágio. Este trabalho caracteriza-se como de caráter qualitativo. A expectativa é que os resultados contribuam para uma discussão significativa sobre os fatores que interferem na capacidade da leitura e da escrita em estudantes do 4.º Ano do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente Alfabetizador; Professor Alfabetizador; Processo de

Alfabetização.

ABSTRACT: It is believed that the importance of the literacy teacher in Elementary School on the process of comprehension of reading and writing development during classes, in such a way that it contributes to the organization of the pedagogical work in the daily school life. For this reason, this research has as goal understanding why there is students from 4th grade who don't know how to read, write or comprehend simple texts besides the difficulty in writing. The instrument of data collection was participant observation in stage. This work is characterized as having a qualitative character. The expectation is that the results contribute for a meaningful discussion in the way of comprehend the factors that could interfere on the abilities of Reading and writing of students from 4th grade of the Elementary School.

KEYWORDS: Literacy Environment; Literacy Teacher; Literacy Process.

1 | INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita, no Ensino Fundamental, vai além de apenas ler palavras. É um processo extenso e complexo em que o letramento e a alfabetização se diferem um do outro, mas estão interligados. Para que haja esse conhecimento

da leitura e escrita, os Parâmetros Curriculares Nacionais do 4.º Ano do Ensino Fundamental da área de língua portuguesa (1997, p. 33) orientam que no processo da formação escolar é importante propiciar o desenvolvimento de capacidades para que seja favorecida “[...] a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações culturais nacionais e universais”.

Percebe-se que a dificuldade da alfabetização no Ensino Fundamental, nos dias atuais, é encontrar uma interação entre a teoria e a prática, pois dúvidas levam a ao questionamento sobre o porquê de algumas crianças não serem alfabetizadas como as demais, mesmo tendo a escola como um espaço para cultura e aprendizado. Segundo Magda Soares (2004), o processo de alfabetização no sistema da escrita alfabética não assegura à criança a apropriação dos usos e das funções da língua escrita.

O momento da alfabetização e do letramento é um dos períodos mais marcantes e importantes tanto para o educador quanto para o aluno. É nessa fase que a criança terá acesso a diferentes gêneros textuais, e é preciso que ela compreenda a utilidade deles em sua vida, que haja um porquê de aprender tais gêneros. Os benefícios para o letramento do aluno serão maiores quando a leitura se relacionar com a vivência da criança e se tornar um meio para se ir além da aprendizagem, um meio que disponibilize para o aluno a oportunidade de se perder no mundo da leitura. A esse respeito, Soares (2008, p. 33) afirma:

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real.

Assim, a escola é essencial para que a leitura e a convivência no dia a dia caminhem juntos, a fim de que ocorra um aprendizado com significado para a criança. Com base nisso, relatar-se-ão algumas realidades vivenciadas nas observações de estágio, em que se presenciou a rotina dos alunos dentro e fora da sala juntamente com o educador, sabendo-se, assim, da importância da didática do professor em sala de aula.

Em Pedagogia da Autonomia, Freire nos diz como transmitir o conhecimento para os alunos.

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2002, p. 21).

Com base em teóricos como Magda Soares (2010), Paulo Freire (2002), Luiz Cagliari (1989) – que afirmam que a leitura e a escrita ocorrem com o início de um intenso processo de interações sociais, incluindo o ambiente escolar, cuja influência para o desenvolvimento é reconhecida –, surge a seguinte questão: quais são os fatores que levam alunos que já estão frequentando a escola há cinco anos a não

conseguirem ler nem escrever com desenvoltura?

A hipótese deste estudo tem como base a infraestrutura precária da escola, a qual dificulta a garantia de uma alfabetização plena das crianças. Também se observa a insuficiência no acervo de livros e a desmotivação tanto da direção para com o professor quanto do professor para com o aluno.

O objetivo da pesquisa é buscar entender qual é o fator principal que está levando alunos do 4.º Ano a não conseguirem ler nem compreender textos simples, além da dificuldade na escrita. Para tanto, foi necessário: (a) Examinar o desenvolvimento da leitura e escrita das crianças do 4.º Ano escolar por meio de atividades realizadas pelo professor; (b) Identificar os elementos que dificultam o conhecimento da escrita pelas crianças; e (c) Contextualizar a forma como o professor utiliza os textos em sala, a maneira como ele faz a abordagem durante a leitura oral dos alunos e a mediação existente no momento da leitura e escrita.

A relevância deste trabalho está em identificar fatores que interferem no aprendizado e a importância do ambiente em que a criança está como meios de adquirir conhecimento e ampliar suas perspectivas sobre o espaço que a cerca. O foco de investigação foi o trabalho pedagógico em conjunto com a infraestrutura da escola e os prejuízos que eles acabam gerando no desenvolvimento da leitura e escrita.

Sabe-se que esses fatores não são os únicos a gerar defasagem na aprendizagem. Fatores sociais e externos também interferem no desenvolvimento da criança, contudo iremos nos ater às dificuldades da escola, a fim de que esses aspectos não interfiram no aprendizado e ela seja um ambiente eficiente para educação. Segundo Emília Ferreiro (1985, p. 24):

Nenhuma criança chega à escola ignorando totalmente a língua escrita. Elas não aprendem porque veem e escutam ou por ter lápis e papel à disposição, e sim porque trabalham cognitivamente com o meio que lhes oferece.

Com embasamento na visão de Ferreiro, é indispensável que a escola proporcione aos alunos meios para que possam aprender e assim buscar ferramentas que lhes auxiliem na compreensão dos conteúdos orientados pelo professor. As estratégias utilizadas na sala de aula pelo professor são importantes, pois ele é quem direciona, para o estudante, o caminho a seguir, visando sempre ao seu melhor desempenho.

Tanto a fala quanto a escrita são produzidas em sequência linear, isto é, “som” depois de “som”, ou letra depois de letra, palavra depois de palavra, frase depois de frase, e assim por diante. Um dos pontos fundamentais no início da alfabetização é compreender que essa linearidade acontece de maneira diferente na fala e na escrita (BNCC, 2016).

No presente trabalho, observam-se fatores que levam alunos que já estão na escola há cinco anos a não conseguirem ler nem escrever com destreza. Têm-se como base de estudo as observações de estágio realizadas na rede municipal em uma escola no interior do estado de São Paulo.

Para tentar entender melhor a situação dessas crianças, buscou-se fazer um

levantamento de quantos alunos da sala do 4.º Ano haviam frequentado a Educação Infantil. Constatou-se que todos os alunos matriculados a haviam frequentado, portanto essas crianças estão estudando há cerca de cinco anos. Estamos em uma sociedade em que não basta o indivíduo saber ler e escrever, pois saber apenas codificar e decodificar não assegura as competências necessárias para a aplicação da leitura e da escrita como prática. Em relação à escrita, Magda Soares (2010, p. 39) afirma:

A construção desse conhecimento não é fácil, nem tão pouco simples. Trata-se de uma aprendizagem complexa, individual e subjetiva, mas não solitária, porque exige, ao mesmo tempo, troca de informações, estímulos e motivação.

De acordo com a autora, a criança é quem se organiza e se planeja para que possa aprender na interação com o meio em que vive. Contudo, o professor como mediador é responsável pelo método de auxiliar os alunos no convívio com a leitura e escrita. Se esta não for preparada, a criança enfrentará dificuldades na compreensão de suas aprendizagens, especificamente na alfabetização.

Com base no pensamento de Freire (1989), a leitura e escrita são essenciais na vida de qualquer pessoa que busca conhecimento para a compreensão e interpretação de textos da realidade na qual está inserida e para se tornar um cidadão consciente de seus direitos e deveres para com a sociedade.

Uma das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) é que todos tenham acesso à educação com qualidade, e para que esse objetivo seja alcançado o domínio da leitura e da escrita exerce papel fundamental. Segundo dados divulgados pelo MEC em 2014, uma pesquisa revelou um péssimo desempenho envolvendo o conhecimento de leitura e escrita dos alunos. Segundo essa pesquisa, “a maioria dos estudantes do 3.º ano do ensino fundamental na idade em que termina o ciclo de alfabetização nas escolas só consegue localizar informações ‘explícitas’ em textos curtos” [Dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) de 2014] (GLOBO.COM, 2015).

Há diferenças de aprendizagem em alunos da mesma idade, contudo muitos professores não desenvolvem atividades diversificadas durante o ano, impossibilitando a aprendizagem àqueles com mais dificuldade. Por isso, cabe ao professor repensar seu modo de trabalhar. De acordo com Ferreiro (2010, p. 98-99), “competir à escola possibilitar à criança o contato com os mais diferentes materiais, proporcionando um ambiente rico em escritas diversas, oferecendo a elas ocasiões para aprender com significado”.

2 | A IMPORTÂNCIA DE UM AMBIENTE ALFABETIZADOR

No ambiente escolar, as crianças passam parte de seu tempo vivenciando momentos importantes de socialização, experiências e aprendizagem. A estrutura física da escola, bem como sua organização, representam significativamente a vida que ali se desenvolve e sobre as possibilidades que o mundo oferece.

Frequentemente, as dificuldades de aprendizagem na infância são bem recorrentes ao ambiente escolar, sendo identificadas pelos professores no início do processo de escolarização das crianças (ALMEIDA, 2016). Logo, os professores, juntamente com a coordenação e a direção, devem considerar tanto o espaço físico quanto pedagógico, e que sejam um lugar apropriado para a realização das atividades, em que a criança possa obter um bom desenvolvimento tanto na leitura quanto na escrita (FERREIRO, 2010).

O ambiente no qual a criança está inserida poderá fazer a diferença, quando se trata de atribuição de significado da aprendizagem, no desenvolvimento da leitura e escrita, e o professor ajudará na compreensão tanto de uma quanto da outra. A esse respeito, Moreira (2007) considera que:

O ambiente de aprendizagem escolar é um lugar previamente organizado para promover oportunidades de aprendizagem e que se constitui de forma única na medida em que é socialmente construído por alunos e professores a partir das interações que estabelecem entre si e com as demais fontes materiais e simbólicas do ambiente (MOREIRA apud SILVA, [20--], p. 3).

É de grande importância para o aluno o desenvolvimento do conhecimento, uma vez que a criança em contato com diversos materiais didáticos amplia sua vivência com o mundo letrado, e essa prática deve ser inserida no dia a dia das crianças (SOARES, 2010). Vale ressaltar a diversidade de livros, revistas, vídeos, entre outros materiais de boa qualidade, sendo indispensável a criatividade do professor.

Transformar a sala em um ambiente acolhedor, rico em materiais, é uma oportunidade de melhorar a qualidade das aulas. O ambiente deve conter carteiras, canto de leitura, atividades diversificadas e murais, dentre outros (FERREIRO, 2010). Ainda, a criança deve ser capaz de fazer uso da escrita como prática social por meio da leitura e interpretação de textos. De acordo com Magda Soares (2010, p. 6), é importante:

Fazer da sala de aula um espaço onde ricos estímulos de aprendizagem estejam sempre presentes. É um ambiente que promove um conjunto de situações de uso real de leitura e de escrita, em que os educandos têm a oportunidade de participar. Um ambiente alfabetizador não é apenas aquele em que aparecem diferentes tipos de texto, é mais que isso: é aquele que tem diferentes tipos de texto que são consultados frequentemente, com diferentes funções sociais.

Logo, além de uma ferramenta, esse espaço alfabetizador se torna um ambiente onde os materiais lúdicos e pedagógicos necessitam estar ao alcance da criança a fim de que elas tenham acessibilidade a eles. Assim, a criança estará desenvolvendo as capacidades cognitivas de forma prática. Teberosky (2003, p. 111) destaca que:

Um fator importante para a aprendizagem da leitura é que os professores desenvolvam critérios de seleção de livros e materiais para despertar o interesse e facilitar a compreensão da criança. Para realizar essa tarefa, os aspectos mais importantes a serem levados em consideração são a qualidade e a clareza das ilustrações, as características de previsibilidade do texto, sua extensão, o nível do vocabulário e dos conceitos, o grau de repetição e de simplicidade da estrutura da história.

De acordo com Teberosky, o ambiente deve ser organizado de forma que se constitua uma ferramenta de aprendizagem, e cujo material inclua diversos gêneros textuais, os quais devem estar acessíveis aos alunos, pois representam um auxílio muito importante. Ainda conforme a autora, o material escrito deve estar relacionado com as atividades desenvolvidas e de acordo com as necessidades dos alunos, o que possibilita às crianças desenvolverem seu conhecimento. E nesse método de aprendizagem, o professor é o mediador.

Entende-se que compete aos educadores pensarem no seu modo de trabalhar com os materiais que lhes são proporcionados e aprimorarem seus conhecimentos sobre o ambiente alfabetizador capaz de estimular e desafiar o aluno em seu desenvolvimento da aprendizagem, a fim de que os alunos não cheguem ao 5.º Ano com dificuldades de ler e escrever por falta de não terem um ambiente acolhedor que lhes facilite a aprendizagem (TEBEROSKY, 2003).

Nesse aspecto, o professor deve dedicar um pouco mais de seu tempo para desenvolver um ambiente acolhedor em sala de aula, não pensando somente na decoração, mas também em materiais didáticos que estejam ao alcance do aluno, fazendo com que ele possa se sentir parte do processo de alfabetização e seja autônomo nesse processo.

3 | O PROFESSOR ALFABETIZADOR

O professor é o indivíduo que possui – ou deveria possuir – capacidades e competências em conteúdo que incentive a compreensão dos alunos para a construção de novos conhecimentos. Para isso, é fundamental que o docente se valha de recursos pedagógicos a fim de conseguir identificar sinais da não ocorrência de aprendizado, pois cada compreensão das práticas exige métodos diferentes, que também geram resultados conclusivos diferentes, “Um trabalho significativo, investigativo, reflexivo e interativo que atende os ritmos e as diferenças individuais, almejando o processo de ensino e aprendizagem” (JULIO, 2012, p. 14).

O apoio didático oferecido por meio de materiais apostilados ou cartilhas levanta alguns questionamentos, não pelo fato de serem livros de apoio didático, mas porque sua metodologia – o famoso bá-bé-bi-bó-bu – traz mais problemas do que soluções para o processo de alfabetização (CAGLIARI, 1989). O professor que questiona a eficiência desses métodos de alfabetização, como o uso de cartilhas, do método tradicional, métodos fônicos e de outros materiais utilizados logo percebe que se fazem necessárias certas mudanças.

Nessa perspectiva, e com base nos pensamentos de Antunes (2002), considera-se aqui o construtivismo, que tem por ideologia a troca de saberes, em que só é possível adquirir conhecimento por meio do “outro”, tendo-se as informações trocadas por ambos e estando o professor como mediador. E esse é o papel do professor

alfabetizador, principal agente na melhoria da qualidade de ensino, realizando atividades que favoreçam a aproximação do aluno com a leitura e trabalhando de modo que essa prática se torne interessante e estimulante para um bom desempenho na leitura e escrita (ANTUNES, *apud* JULIO, 2012, p. 32).

Em uma de suas entrevistas, Soares (2016) considera que o problema não é o método de alfabetização, mas sim alfabetizar sem método. O trabalho do educador é conseguir planejar e elaborar métodos que ajudem a desenvolver, nos alunos, as habilidades de leitura e escrita, estimular a curiosidade, a imaginação, envolver a criança e mostrar-lhe um novo mundo, e isso na interação existente em sala.

É essencial que o educador inspire seus alunos a buscarem conhecimento, contudo é importante que ele esteja preparado e atualizado com os conteúdos a serem trabalhados a fim de que possa fazer a mediação entre a teoria e a prática, auxiliando o aluno no processo de aprendizagem. Para Souza (2004, p. 223):

O professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar.

Tendo em vista aquilo que seus discípulos podem tornar-se, o verdadeiro educador reconhecerá o valor do material com que trabalha. “Terá um interesse pessoal em cada um de seus alunos, procurará desenvolver todas as suas faculdades. Por mais imperfeitos que sejam eles, acoroçoará todo o esforço por conformar-se com os princípios retos” (WHITE, 2008, p. 188).

Além de o professor estar qualificado a ensinar e a buscar constantemente novos meios de transmitir o conhecimento a seus educandos, é preciso que ele esteja embasado em valores éticos e morais a fim de buscar o melhor material para trabalhar com as crianças, construindo, assim, um suporte no qual elas possam se apoiar quando precisarem. Deve, pois, proporcionar diferentes experiências de contação de histórias em um ambiente adequado à leitura, pois, por mais que a criança não saiba ler, é importante um espaço em que ela tenha contato com livros e que estes estejam ao seu alcance.

Ter a iniciativa de ler para e com seus alunos, por meio de leituras em grupo e de espaços distintos, fora do ambiente formal da sala é um modo de motivar os alunos e fazer com que queiram ter contato com o mundo da leitura e escrita. Araújo (2014, p. 11-12) assim se posiciona:

Inserir a criança no universo da leitura e da escrita, para mostrar seus usos e sua importância, é a primeira ação acertada de quem tem a responsabilidade do letramento, pois a função da escola é formar praticantes da leitura que saibam utilizá-la em suas práticas sociais, que vão além da decodificação de códigos, ou da leitura de pequenas frases e textos.

O trabalho do professor, juntamente com o da escola, é formar cidadãos capazes de ler vários textos que circulam em nossa sociedade, fazendo com que a leitura e a escrita tenham sentido para o estudante. “Buscar novos caminhos e novas posturas

de trabalho para a alfabetização tem sido uma das metas essenciais do educador alfabetizador” (SOARES, 2010, p. 4). Em outras palavras, não devemos apontar o espaço físico da escola e a insuficiência de materiais como os únicos fatores a interferirem no desenvolvimento cognitivo da criança. Nesse contexto, a didática do educador deverá ser significativa e de modo que alcance todos os alunos, tendo em vista que cada indivíduo se desenvolve em seu próprio tempo.

4 | O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA PRÁTICA

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999, p. 283), “ler não é decifrar; escrever não é copiar”. Com base nessa afirmação, foi possível identificar, nas observações de estágio, que os alunos que demonstraram maior dificuldade – tanto na escrita quanto na leitura – agiam de forma mecânica. Apenas copiavam o enunciado da lousa, e no momento da leitura tentavam decifrar o que estava escrito, sem parar para ler o que acabaram de escrever. As crianças da turma observada não conseguiam distinguir os sons das letras! Acabavam se atrapalhando no momento do ditado apresentando dificuldade na escrita de palavras simples. Não conseguiam entender o que escreveram, gerando confusão na própria leitura, mesmo estando no 4.º Ano do Ensino Fundamental.

Alguns pontos a serem abordados referentes ao meio no qual os alunos estão inseridos são relatados neste tópico. Quanto à escola, pode-se constatar que não tem salas de reforço. Para esse fim, os professores fazem uso do espaço do refeitório, que já foi adaptado para a realização das atividades do período integral. Não havendo a possibilidade de o espaço ser utilizado, o professor de reforço recorre à área aberta. Visto que a escola está situada na zona rural, as áreas cobertas pelas árvores também servem como salas improvisadas de reforço.

As salas situadas no prédio não são arejadas. As portas não têm maçanetas nem existe quadra para a prática de esportes nem atividades dinâmicas. As crianças jogam bola – quando algum aluno leva, pois a escola não tem bola – em um gramado que fica em frente às salas.

As crianças não têm acesso a uma biblioteca. Nas salas de aula, existe uma estante com um número limitado de livros, e os poucos exemplares não correspondem à faixa etária deles. Em muitos deles estão faltando folhas. O banheiro feminino tem somente três sanitários, porém em uso, efetivamente, apenas dois, pois o outro se encontra em manutenção. Esse número se aplica para uso de toda a escola, incluindo professores, funcionários e direção. Essa realidade mostra um conflito entre a vivência observada na escola e a visão de Lima (1995, p. 187), que assim se expressa:

Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades e estabelece

No que diz respeito à direção, ouviu-se que muda constantemente. Há comentários de que a coordenação atual não tem experiência com todo o Ensino Fundamental, mas somente com a Educação Infantil, e há diversas reclamações pelo fato de que nenhuma delas dá seguimento a projetos anteriores. Há falta de apoio aos professores quando solicitam materiais para trabalharem em sala de aula, e não há investimento na estrutura da escola nem melhorias.

Na sala de aula, notou-se que as estratégias do professor foram mecanizadas, com conteúdo passado na lousa para que os alunos copiassem e em seguida executassem as atividades de resoluções de problemas matemáticos. Havia perguntas relacionadas a textos dadas pela professora. Isso não promovia envolvimento do grupo, e as crianças aparentemente não viam sentido no que estavam fazendo.

No geral, são momentos sem criatividade nem motivação. O professor não elabora atividades diversificadas com o propósito de atingir a todos e o ensino é tradicionalista, sem atividades nem dinâmicas em grupos que possam instigar os alunos. Após as atividades serem executadas, as crianças não têm à disposição materiais para explorar, como jogos pedagógicos que auxiliem na leitura e na escrita, alfabeto móvel, caça-palavras, dominó de letras, jogos lúdicos, etc.

Em alguns momentos vivenciados na escola, observou-se, algumas vezes, a falta de motivação do professor em ensinar tanto por causa da estrutura escolar, que não é apropriada, quanto pela ausência de materiais dentro da sala de aula que ajudam na assimilação e compreensão por parte dos alunos, sem levar em conta a omissão por parte da direção. Os professores queixam-se de que a coordenação implantou um mapa de sala, e este acabou deixando alunos que necessitam de atividades distintas para atingirem o objetivo proposto em carteiras distantes da lousa e do professor. Algumas crianças com dificuldade visual também foram realocadas para o fundo da sala, dificultando, assim, a leitura e a compreensão.

Com essa abordagem pouco eficaz, gerou-se uma turma indisciplinada, e o que mais chamou a atenção foi o fato de que os alunos não têm respeito para com o grupo. Trocam insultos e aceitam serem insultados pelos colegas. Para eles, essa situação é tão comum, que perderam o respeito pelos professores também.

Notou-se um desgaste emocional na professora, que não conseguiu criar vínculo afetivo com seus alunos e encontra problemas na administração das aulas. Os alunos, por sua vez, não conseguem ver o porquê de estarem aprendendo certos conteúdos passados pela pedagoga. Não recebem elogios quando acertam uma questão, e na maior parte do tempo são criticados por suas atitudes e falta de conhecimento.

Em geral, é uma turma com desinteresse e com atitudes infantilizadas para a idade, na qual apenas querem brincar, e não aprender. Sentem-se inferiores e muitas vezes dizem que são “burros”, e por isso não conseguem executar as atividades propostas pelo professor. Este, por sua vez, não consegue ver a sala como um desafio

a ser conquistado e acaba por não motivar os alunos a crescerem. Não aplica projetos em sala para promover mudanças tanto no pensamento quanto no comportamento. Nesse contexto, o ambiente fica carregado de dúvidas e incertezas, e as aulas permanecem sem objetivos a serem alcançados, sem um propósito a ser atingido. É apenas uma sala aonde alunos vão para “aprender”, e o professor, “ensinar” o que está no livro didático.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que existem diversos fatores que interferem na aprendizagem da leitura e escrita e que podem estar relacionados ao ambiente escolar: a desmotivação da direção para com o professor e do professor para com aluno, a falta de materiais didáticos, a estrutura da escola e da sala de aula, o desinteresse por parte dos alunos, dentre outros. Num contexto com essas características, é possível que haja um retardamento da aprendizagem, resultando em alunos do Ensino Fundamental com dificuldades no momento de ler e escrever.

Seguindo a linha de raciocínio de Magda Soares e Paulo Freire, observou-se que para trabalhar a alfabetização é necessário um ambiente escolar acolhedor, que ofereça a oportunidade de utilização de diversos materiais didáticos que auxiliem na interação professor-aluno, envolvendo a sala com um método de ensino, por parte do professor, em que todos possam participar.

Ao dar a devida importância à aprendizagem da leitura e da escrita por meio do lúdico e de forma criativa, o educador estará inserindo a criança no mundo letrado. É importante levar sempre em conta que a escola, de forma geral, é responsável por oferecer e garantir meios de aprendizagem que levem à verdadeira educação, educação para todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. F. S. **Dificuldades de Aprendizagem de Leitura e Escrita**. In: III CONEDU, Congresso Nacional de Educação, 2016.

ARAÚJO, R.; REIS, S. **A formação continuada e sua contribuição para o professor alfabetizador**. X ANPED SUL, Florianópolis, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2018.

CAGLIARI, L. **Alfabetizando sem o bá-bá-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRO, E. **Cadernos de Pesquisa**, v. 52, 1985.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese na língua escrita**. Artes médicas, Porto Alegre, 1999.
- FREIRE, P. **A Importância do ato de Ler: em três artigos que se completam**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- JULIO, E. **Políticas Públicas da Educação e formação do Professor Alfabetizador: O Projeto Bolsa Escola Pública e Universidade na Alfabetização Inicial**. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- LIMA, M. **Arquitetura e educação**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- MASSUCATO, M.; MAYRINK, M. Dê atenção especial ao professor alfabetizador. *Gestão Escolar*, São Paulo, 2015. Disponível em: <gestaoescolar.org.br/conteudo/1539/de-atencao-especial-ao-professor-alfabetizador>. Acesso em: 10 set. 2018.
- MORENO, A.; RODRIGUES, M. **Educação**. Globocom. São Paulo, 2015. Disponível em: <g1.globo.com/educacao/noticia/2015/09/uma-em-cada-cinco-criancas-de-oito-anos-nao-sabe-ler-frases-diz-mec.html>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- SILVA, E.; DUARTE, S. **Ambiente Alfabetizador além da Sala de Aula**. Universidade Estadual de Goiás – UEG, Goiás [20--].
- SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- SOARES, M. Introdução – Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Orgs). **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008.
- SOARES, M. Letramento e alfabetização: *as muitas facetas*. **Revista Brasileira de Educação**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2004.
- SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**, *Educ. Soc.* Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.
- SOUZA, R.; SOUSA, A.; CASTRO, P.; SOUZA, G. **Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada**. Faculdade de Ciências e Tecnologia – Unesp – Presidente Prudente, 2003.
- TEBEROSKY, A. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- WHITE, E. **Educação**. Tatuí, SP: CPB, 2008.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-354-5

